

# Festa de São Francisco das Chagas de Canindé, Ceará, no Contexto da Pandemia de Covid-19

Carlos Ming-Wau<sup>1</sup>  
Leônia Cavalcante Teixeira<sup>1</sup>  
José Clerton de Oliveira Martins<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

## Resumo

Neste artigo, objetivamos descrever a festa de São Francisco das Chagas de Canindé sob os impactos da Pandemia de Covid-19. Realizamos observação-participante com registros no diário de bordo durante incursões etnográficas no Santuário-Basílica de Canindé. Buscamos a explicitação de como o clima festivo se manifestou nas experiências dos devotos. Em 2020, observamos: famílias que visitaram o santuário; o luto pelos mortos da Covid-19; as preces para o fim da pandemia; o silêncio no santuário; e a organização da cidade. Em 2021, enfatizamos: as experiências dos devotos de sentir o clima de festa na manifestação coletiva da devoção; as promessas e os ex-votos que representavam as curas da Covid-19; e a organização citadina. Essas situações apontam como a festa aglutina experiências de devoção e de diversão, pois possibilita o encontro dos devotos com o santo, com si mesmo e com os outros, constituindo-se como elemento que doa sentido para suas vidas.

**Palavras-chave:** Festa religiosa. Romaria. Canindé. Etnografia. Pandemia de Covid-19.

## Feast of São Francisco das Chagas de Canindé, Ceará, in the Context of the Covid-19 Pandemic

## Abstract

In this article, we aim to describe the São Francisco das Chagas de Canindé festivity under the impacts of the Covid-19 Pandemic. We performed participant observation with logbook records during ethnographic incursions in the Sanctuary-Basilica of Canindé. We search to explain how the festive atmosphere manifested itself in the experiences of the devotees. In 2020, we observed: the families who visited the sanctuary; the mourning of the dead of Covid-19; the prayers for the end of the pandemic; the silence in the sanctuary; and, the organization of the city. In 2021, we highlighted: the devotees experiences of feeling the festive atmosphere in the collective manifestation of devotion; the promises and ex-vows that represented the cures of Covid-19; and, the organization of the city. These situations point out how the festivity brings together experiences of devotion and fun, as it allows the devotees to encounter with the saint, with themselves and with others, constituting an element that gives meaning to their lives.

**Keywords:** Religious festivity. Pilgrimage. Canindé. Ethnography. Covid-19 pandemic.

Recebido em: 07/05/2022

Aceito em: 23/01/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

## 1 Introdução

**A** Organização Mundial de Saúde (OMS), após os acontecimentos que se iniciaram no final de 2019, na cidade de Wuhan, China, anunciou, em 11 de março de 2020, a pandemia de Covid-19 – *Corona Virus Disease* causada pelo novo coronavírus, nomeado de SARS-CoV-2 – *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (WHO, 2020). Na província chinesa de Hubei, onde se insere Wuhan, foram aplicadas medidas restritivas para que as pessoas ficassem isoladas em suas casas. Consequentemente, essas ações se espalharam pelo mundo, pois foram consideradas um dos meios mais eficazes de prevenir a circulação do vírus e de controlar a contaminação (LAU *et al.*, 2020).

Em vários países do mundo, escolas, fábricas, transportes públicos e locais que proporcionavam aglomerações tiveram de ser fechados com o intuito de manter as pessoas isoladas em suas casas (MOURA *et al.*, 2022). Essas ações se estenderam aos templos das religiões, pois são espaços que aglutinam muitas pessoas nos cultos (AQUINO *et al.*, 2020).

O enfoque deste artigo está nos eventos religiosos organizados pela Igreja Católica, especialmente aqueles que reúnem dezenas/centenas de milhares de pessoas, comumente chamados de “festas” e “romarias”. Devido à pandemia de Covid-19, esses eventos religiosos não puderam ser realizados com o intuito de reduzir a contaminação (BOTTINO; SCHELIGA; MENEZES, 2020).

Mundialmente, os católicos foram impedidos de comparecer nas missas e nos cultos. As grandes festas/romarias dos santos padroeiros das cidades e dos santuários, as novenas e as procissões, intensamente comemoradas e com tradicional participação massiva dos devotos, ano após ano, não aconteceram (LIMA, 2021). Essas decisões foram tomadas pelas autoridades civis em concordância com as eclesiásticas (SANTOS, 2020).

A pandemia de Covid-19 alcançou a festa de São Francisco das Chagas, na cidade de Canindé, Ceará, no Nordeste do Brasil. Anualmente, essa festa religiosa ocorre entre os dias 24 de setembro e 4 de outubro. Na pandemia, em 2020 e 2021, foi realizada com a participação de poucas pessoas, diferente de como ocorria antes, com multidões que se reuniam para prestar suas homenagens ao santo.

A questão central que este artigo busca responder se expressa nesta interrogação: como a pandemia de Covid-19 impactou as experiências dos devotos de sentir o clima de festa durante as festividades de São Francisco das Chagas de Canindé?

Nomeamos de “clima de festa” os aspectos que englobam: os sentimentos de coesão entre os devotos, no qual as experiências privadas se enlaçam às experiências coletivas, formando uma unidade nas homenagens ao santo; a organização do espaço que permite aos devotos a experiência de romper as suas rotinas cotidianas, tanto para

os visitantes de Canindé quanto para os seus moradores; e o entrelaçamento da devoção e da diversão, isto é, as experiências sagradas/profanas, pois, associada à programação religiosa, organizada pela Igreja Católica, há eventos particulares que não se inscrevem no âmbito do que os próprios devotos consideram como sagrado, mas são momentos que lhes proporcionam experiências de diversão, capazes de arrefecer as tensões de suas vidas. O conjunto desses aspectos aflora e aquece as emoções dos devotos, permitindo que eles atribuam sentido às suas experiências durante a festa, fruto do encontro com o santo, com si mesmo e com os outros.

Inicialmente, apresentamos como essa festa acontecia antes da pandemia e destacamos algumas características das festas religiosas para o povo brasileiro, especialmente no cenário nordestino. Em seguida, elucidamos o percurso teórico-metodológico, inscrito no método etnográfico, que possibilitou elencar as observações da conjuntura das festividades. A narrativa das experiências e dos modos como a festa foi vivida pelos devotos do santo permitem evidenciar dois momentos da pandemia e suas interferências nas festividades: enfatizamos como o isolamento social e a flexibilização das medidas de restrição para o combate à Covid-19 interferiram na experiência dos devotos de sentir o “clima da festa”. Portanto, objetivamos descrever a festa de São Francisco das Chagas de Canindé sob os impactos da pandemia de Covid-19.

## **2 A Festa antes da Pandemia de Covid-19**

Antes de passarmos para a descrição de como essa festa acontecia antes da pandemia, de forma sucinta, abordaremos as características das festas e das romarias, com foco nas implicações que alcançam os seus participantes, nos cenários brasileiro e, especificamente, para os nordestinos. Em seguida, descrevemos a programação da festa e da romaria de Canindé sob a ótica dos pesquisadores a partir de suas visitas ao Santuário nos anos anteriores à pesquisa realizada durante os dois anos de pandemia.

As festas, nos contextos sagrados/profanos são momentos que os sujeitos ensejam romper suas rotinas, ou seja, desejam dar uma pausa nas atribuições que ocorrem por meio do trabalho. Elas se caracterizam como ocasiões de ruptura da ordem instituída que prioriza o tempo e o espaço da produtividade; são refrigérios para aliviar o estresse cotidiano (MARTINS, 2013). Isto é, acreditamos que as festas religiosas entrelaçam devoção e diversão.

As festas religiosas se desenvolvem como

[...] um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. (JURKEVICS, 2005, p. 74)

No Brasil, algumas festas religiosas que celebram os padroeiros de suas cidades, conforme aponta Martins (2013), acontecem associadas às romarias. Na Região Nordeste, por exemplo, no Estado do Ceará, em Canindé e Juazeiro do Norte, ocorrem romarias no

mesmo período das festas em homenagem a seus padroeiros: São Francisco das Chagas, Nossa Senhora das Dores e Padre Cícero, respectivamente.

As romarias são viagens que os católicos fazem para visitar os locais sagrados. O ato de fazer romaria relembrava as viagens que eram feitas em direção à cidade de Roma, Itália, onde se encontra a sede da Igreja Católica. Esses viajantes são chamados de “romeiros” (BARBOSA, 1985). A romaria é o momento no qual os romeiros pretendem se purificar de suas impurezas quando adentram no espaço sagrado do santuário e, consequentemente, quando fazem suas orações e pagam suas promessas (SOUZA, 2013).

Os espaços do santuário são considerados sagrados. Rosendahl (1996), em sua geografia da religião, destaca que a cidade de Canindé é uma *hierópolis*, ou seja, uma cidade-santuário, pois sua organização funcional permite que os devotos/habitantes pratiquem suas crenças e façam as homenagens ao santo. Ela advoga que o espaço sagrado “[...] é um conjunto de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDALH, 1996, p. 137).

Os participantes das festas religiosas, tanto as que ocorrem em coincidência com as romarias ou aquelas realizadas somente com a participação dos habitantes do lugar, almejam manifestar coletivamente suas crenças nos poderes dos santos festejados. Menezes (2009) acredita que eles desejam se encontrar com o sagrado e consigo mesmo, fazer seus pedidos e promessas, agradecer os benefícios alcançados e buscam reafirmar os vínculos com seus santos de devoção, construídos ao longo de suas existências.

A festa e a romaria são momentos distintos que ocorrem em concomitância e possuem características próprias: na romaria, os romeiros viajam ao santuário com objetivos específicos, por exemplo, pedir benefícios e agradecer graças alcançadas; na festa, os participantes rendem suas homenagens ao santo, celebram a vida a fim de dar uma pausa nos trabalhos que desempenham durante o ano, tanto os moradores de Canindé quanto as centenas de milhares de pessoas que visitam o seu santuário. Em ambas, a partir da compreensão de Passos (2015), as manifestações religiosas cedem lugar às práticas culturais que constituem a vida do povo e formam a sociabilidade como uma das marcas da cultura brasileira que enriquece suas festas. Então, a experiência religiosa privada dos templos invade as ruas, torna-se pública e encanta seus participantes.

Tradicionalmente, a programação da festa é composta de missas, novenas, procissões, celebração diária da Via Sacra/*Via Crucis* e acolhimento de romarias e peregrinações advindas das cidades cearenses e de vários estados do Brasil. Também são realizadas celebrações de batizados e casamentos, confissões e aconselhamentos ministrados por padres e frades franciscanos e a concessão de bênçãos destinadas aos objetos religiosos, como imagens e quadro de santos, aos carros e seus condutores, às motocicletas e a todos os objetos que os devotos levam para que sejam abençoados.

Na véspera da abertura da festa, no dia 23, os devotos fazem caminhadas a pé em direção ao Santuário-Basílica para, na aurora do dia 24, participar do hasteamento das bandeiras do Brasil, de Canindé e de São Francisco. Essas caminhadas saem da zona rural de Canindé e das cidades circunvizinhas. Em seguida, com as bandeiras hasteadas, é celebrada uma missa. Na noite do dia 24, é realizada uma procissão com o “Painel de São Francisco” por algumas ruas da cidade.

Figura 1 – Painel de São Francisco



Fonte: Arquivo pessoal de Ming-Wau (2019)

Entre os dias 25 de setembro e 3 de outubro, ao cair da tarde, os devotos se reúnem na Praça da Basílica e saem em procissão, com o “Painel de São Francisco”, em direção à Praça dos Romeiros, um gigantesco anfiteatro que comporta, aproximadamente, 110 mil pessoas, para a celebração da novena. Todas as noites, milhares de devotos, tanto canindeenses e moradores das cidades circunvizinhas e de todo o estado do Ceará quanto romeiros e peregrinos advindos de vários estados do Brasil, se reúnem para as novenas.

No dia 3 de outubro, acontece a “última novena”, como é chamada pelos devotos, sendo o ato da festa que aglutina o maior número de pessoas, pois ocorre com a capacidade máxima que a praça comporta. Nesse dia, os frades franciscanos rezam a cerimônia do “Trânsito de São Francisco”, ou seja, uma celebração que representa a morte do santo como uma passagem da vida terrena para a celestial. Essa cerimônia se encerra com uma queima de fogos, no qual se festeja a entrada gloriosa de São Francisco no céu.

Após as novenas, o “Painel de São Francisco” retorna, em procissão, para o Santuário. Ao chegar na Praça da Basílica, é concedida uma bênção com a “Relíquia de São Francisco” que veio de Assis, Itália, sua cidade natal; os devotos são abençoados com um pequeno fragmento do corpo do santo. Em seguida, o painel é recolhido para sua capela, que fica ao lado da Casa dos Milagres.

No dia 4, solenidade de São Francisco, são celebradas missas festivas. Os sinos de sua Basílica anunciam que é dia de festa. À tarde, ocorre a tradicional procissão de encerramento, com a primitiva “Imagem de São Francisquinho”, pelas ruas do centro da cidade. Um mar de gente invade as ruas de Canindé. Ao chegar na Praça da Basílica, é realizada a despedida dos romeiros, o anúncio da festa do próximo ano, as bênçãos

e a queima de fogos. É um momento de muita emoção que marca a expectativa para a próxima festa e o regresso dos devotos para suas casas, ou seja, um ritual de despedida, com caráter celebrativo pelo encerramento das festividades e pelo retorno à vida cotidiana.

Figura 2 – Andor com a imagem de São Francisquinho



Fonte: Arquivo pessoal de Ming-Wau (2019)

Há um evento interessante que se insere na programação da festa: oficialmente, para os romeiros e peregrinos, seu término é no dia 4 com a procissão, porém, para os canindeenses, termina no dia 5, ao meio-dia, com o arriamento das bandeiras. A descida da “bandeira de São Francisco” é o momento mais esperado desse dia, que, ao ser retirada de seu mastro, é imediatamente tomada pelos devotos, que, com disputa, tentam a todo custo tocá-la, às vezes com força e violência, durante o cortejo por algumas ruas de Canindé. Os devotos jogam moedas na bandeira em busca de alcançar a prosperidade financeira até a próxima festa. Esse ato se encerra na Casa dos Milagres com uma bênção. Em seguida, filas se formam para que as pessoas toquem na bandeira do santo. Em meio às lágrimas, às músicas e às danças, a festa duplamente se encerra para os canindeenses!

A festa fortalece a economia do município e dos comerciantes que vêm de outras cidades e estados, então, o governo municipal delimita os espaços públicos para a instalação de barracas com vendas de todos os tipos de mercadorias. O centro de Canindé se torna uma grande feira a céu aberto.

A administração do santuário, a prefeitura da cidade e o governo do Estado do Ceará se articulam para que a festa ocorra da melhor forma possível, com reforço na

ordenação do trânsito, na segurança e no socorro de urgência e emergência na saúde. Nesses dias, Canindé adquire o *status* provisório de metrópole, pois recebe centenas de milhares de devotos, principalmente quando se aproxima o final da festa. Para ilustrar esse fato, observa-se que as pessoas que não conseguem hospedagem nos alojamentos que a cidade dispõe procuram abrigo debaixo das árvores, tanto para descansar durante o dia quanto para o sono noturno.

Além do que é organizado pela administração do santuário e pelos poderes públicos, os canindeenses também fazem sua programação para a festa. Ocorrem festas dançantes com cantores canindeenses e bandas musicais famosas, e ainda as comemorações em suas residências, nos bares e praças. São instalados parques de diversão para o entretenimento das crianças e adolescentes. Também existe uma diversidade gastronômica que busca satisfazer todos os paladares.

Portanto, as festividades de Canindé congregam o sagrado e o profano, a devoção e a diversão, experiências que levam seus participantes a festejar a vida e fortalecem a sociabilidade por meio da fé. Ocorre o que Sanchis (2006) qualifica como o encontro com o encanto da vida, do “Sagrado feito gente, com quem se conversa, se troca bens, energia e saúde (promessas), [...] o tempo feito Festa: comida, bebida, encontros, dança; até a volta para um quotidiano transfigurado, já na espera de outra romaria” (SANCHIS, 2006, p. 86).

A apresentação de como a festa de São Francisco ocorria antes da pandemia contextualiza a experiência de sentir o “clima da festa” em meio às multidões reunidas para homenagear o santo e o conjunto da organização da cidade que permitem aos participantes o enlace entre diversão e devoção, em seus aspectos sagrados/profanos. Então, passamos para a etnografia da festa no contexto pandêmico em busca da explicitação dos impactos nas experiências dos devotos de sentir o clima de festa no Santuário de Canindé.

### **3 Itinerário Etnográfico**

O itinerário metodológico desta investigação se serviu da etnografia, cujo foco foi descrever as incursões etnográficas realizadas pelo primeiro autor no Santuário-Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé durante as festividades em homenagem ao seu padroeiro, no contexto da pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021<sup>1</sup>. Nesses dois anos, por meio da observação-participante, acompanhamos integralmente, *in loco*, as festividades em todos os seus dias. Em concordância com Menezes (2009), escolhemos desenvolver esta etnografia no período da festa, tendo em vista a possibilidade de analisar os modos como a fé é compartilhada a partir das manifestações coletivas de devoção.

Malinowski (1978 [1922]) aponta que a etnografia permite ao pesquisador estar *in loco* no campo por um longo período, em busca de conhecer o cotidiano da cultura estudada e conviver com os sujeitos investigados. Andrada (2018) destaca que devido à permanência do pesquisador no campo, é possível observar o fenômeno conforme

---

<sup>1</sup> Esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos/Coética da Universidade de Fortaleza/Unifor (CAAE: 50604721.0.0000.5052 e Parecer n. 4.943.220).4.

ele se revela e, posteriormente, descrever e analisar suas implicações na vida do grupo investigado.

Os relatos etnográficos das cenas observadas no santuário foram escritos no diário de bordo, instrumento que permite tomar nota dos fatos que ocorrem no campo (MAGNANI, 1997). As observações foram realizadas nos espaços<sup>2</sup> que compõem o Santuário de Canindé, a saber: a Basílica<sup>3</sup>, magnífica construção arquitetônica do início do século XX, considerada o principal ponto de visitação dos devotos, devido à tradicional veneração das imagens de São Francisco das Chagas, em seu altar-mor, e de São Francisquinho, em sua porta principal; a Casa dos Milagres, onde se encontram os ex-votos que publicizam as graças que o santo concede aos seus devotos; a Capela do Painel; a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, onde ocorrem as missas; e a Praça da Basílica.

Por meio da observação-participante e dos registros no diário de bordo, descrevemos algumas situações observadas durante as festas/romarias de São Francisco nesses dois anos privilegiando os modos como o contexto pandêmico interferiu e impactou as experiências dos devotos de sentir o “clima de festa”. Então, tecemos algumas considerações teóricas sobre elas a partir dos saberes das ciências humanas e sociais. Isso se ampara na proposta de Maluf (2022, p. 123), quando ela defende que uma boa etnografia analisa e comprehende situações empíricas concretas observadas no campo a partir “[...] da correlação com conceitos e teorias – eventualmente acionando-se diferentes perspectivas teóricas para abordar a mesma situação”.

#### **4 Experiências dos Devotos de Sentir o “Clima de Festa” sob os Impactos da Pandemia**

O ingresso no campo ocorreu mediante o isolamento social e a flexibilização das medidas de restrição para o combate à Covid-19. Em 2020, a festa de São Francisco aconteceu sem a presença dos devotos e, por ocasião das eleições municipais, foi realizada entre os dias 6 e 16 de outubro. Em 2021, houve a participação de muitos devotos nas cerimônias realizadas de 24 de setembro a 4 de outubro.

As festividades foram denominadas, por seus organizadores, de “festa/romaria virtual”, pois o ciberespaço e os meios de comunicação social foram utilizados para alcançar os devotos de todos os lugares do país, especialmente das Regiões Norte e Nordeste, cuja presença é acentuada no santuário durante esse período. Nesses dois anos, as cerimônias religiosas foram transmitidas a partir das plataformas do YouTube, do Instagram e do Facebook e pelas emissoras de rádio da cidade e circunvizinhança.

---

<sup>2</sup> Além dos espaços abordados nesta etnografia, o Santuário se espalhou na cidade, e os devotos também visitam estes locais: Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, Estações da Via Sacra/*Via Crucis*, Igreja de Cristo Rei, Convento de Santo Antônio (residência dos frades franciscanos), Zoológico, Museu Regional São Francisco, Praça dos Romeiros, Mosteiro do Santíssimo Sacramento (residência das Freiras Clarissas que vivem sob clausura) e a Estátua de São Francisco, monumento que mede aproximadamente 30,25 metros.

<sup>3</sup> A construção da primeira igreja dedicada a São Francisco, em Canindé, teve seu início em 1775 e foi concluída em 1796, sendo chamada de “Primeiro Santuário”. A reforma/construção do “Novo Santuário” se iniciou em 1910 e foi concluída em 1915. A elevação do Santuário à dignidade de Basílica-Menor, ou seja, com as mesmas prerrogativas canônicas das basílicas da cidade de Roma, Itália, ocorreu em 1925, concedida pelo Papa Pio XI (WILLEKE, 1973).

Os segmentos da Igreja Católica cumpriram as orientações das autoridades civis de evitar aglomerações em seus cultos em busca de arrefecer a pandemia (SBARDELOTTO, 2021). Os organizadores das festas religiosas/romarias, no Brasil e no mundo, tiveram de lançar mão do ciberespaço e dos meios de comunicação social para realizar suas tradicionais festividades (SANTOS, 2020).

Surgiram novas formas de manifestação da devoção: os santuários e as igrejas invadiram as residências dos crentes para que eles pudessem praticar seus rituais de fé. Ressaltamos que os conteúdos virtuais dessas duas festas não comparecem neste artigo porque enfatizamos a observação-participante e presencial dos atos religiosos que ocorreram nelas e da movimentação dos devotos nos espaços do santuário.

Exclusivamente, em 2020, os devotos foram orientados, pelas autoridades civis e eclesiásticas, a não comparecerem à festa, pois nesse período a pandemia se alastrava rapidamente pelo Brasil e algumas localidades estavam sob isolamento social. Nesse ano, durante as incursões etnográficas, presenciamos a participação de alguns devotos que relataram que decidiram ir a Canindé em busca de pagar suas promessas e não interromper o ciclo tradicional de suas romarias.

Em 2021, observamos que a quantidade de devotos que compareceu ao santuário foi maior que a do ano anterior, mesmo com a orientação para que ainda acompanhassem a programação festiva pela internet. As festividades ocorreram frente ao cenário nacional de relaxamento/flexibilização das medidas de restrição para o combate à Covid-19. A participação controlada dos devotos nas cerimônias foi possível devido ao avanço da imunização, com a vacinação de uma parcela significativa da população brasileira.

Frente a esses aspectos da festa na pandemia, observamos e descrevemos algumas situações que englobam: como o silêncio nos espaços vazios do santuário e da cidade incomodava os devotos que foram a Canindé e não permitiu que eles sentissem o clima de festa; e como a retomada gradual e controlada da participação dos devotos nas cerimônias festivas permitiu a manifestação coletiva da devoção durante a visitação à cidade-santuário, e a apreensão de suas experiências de sentir o “clima de festa” no contexto pandêmico.

#### **4.1 O Santuário Silenciado e Vazio**

A ausência massiva dos devotos fez com que o silêncio tomasse conta do santuário na festa de 2020, pois seus espaços estavam vazios. Um dos frades franciscanos que acolhia os poucos devotos que foram ao santuário, ao ser questionado sobre suas experiências nessa festa, mencionou que era como se estivesse participando de uma “festa fúnebre e sem plateia”. O clima era de pesar: os semblantes dos devotos denunciavam o sentimento de tristeza e o luto por tantas vidas ceifadas devido à Covid-19.

A cerimônia de hasteamento das bandeiras e as missas de abertura e encerramento foram celebradas dentro da Basílica, assim como as demais missas diárias com a participação de um número restrito de pessoas. Mesmo com as portas da Basílica fechadas, durante o dia, era possível visitá-la, no entanto, nem todos que compareceram a Canindé conseguiram venerar o santo em seu altar-mor.

Figura 3 – Altar-mor da Basílica de São Francisco das Chagas



Fonte: Arquivo pessoal de Ming-Wau (2019)

Nesse ano, não foi possível realizar as tradicionais procissões. As novenas, à noite, aconteceram dentro da Basílica, com a participação de poucas pessoas, principalmente aquelas que iriam desempenhar alguma função na cerimônia. Alguns devotos participaram das novenas nos arredores do templo e, em seus relatos, expressavam o desejo de entrarem na Basílica. Os organizadores da festa fizeram algumas *lives* com cânticos, testemunhos dos devotos e os frades concederam bênçãos àqueles que as assistiram. As confissões, os casamentos e os batizados não foram realizados. Diariamente, às 5h da manhã, a Via Sacra foi rezada dentro da Basílica. E o tradicional arriamento das bandeiras também não foi realizado. As bandeiras foram arriadas na última *live* promovida pelo santuário.

Escolhemos destacar essas situações, ocorridas em 2020, e tecer algumas considerações teóricas sobre elas: 1) a visitação ao santuário por pequenos grupos de devotos formados por famílias; 2) o luto dos que choravam seus mortos pela Covid-19 e rogavam a São Francisco que a pandemia terminasse; 3) o estranhamento frente ao silêncio vivido no santuário; e 4) a cidade que não estava em clima de festa.

O santuário recebeu alguns devotos que, em sua maioria, eram grupos formados por famílias. Ao observarmos esses grupos, presenciamos os relatos memorialísticos de avós/pais que narravam para seus netos/filhos as experiências passadas de suas visitas a Canindé no período da festa e destacavam a importância dessas viagens para eles e para seus antepassados. Em busca de compreender esse fenômeno, recorremos aos conceitos de “experiência”, “narrativa” e “tradição”, conforme descrito nas definições de Walter Benjamin, filósofo da Escola de Frankfurt.

Benjamin (1987 [1933]) conceitua que a “experiência” [*erfahrung*, em alemão] consiste na aglutinação de fatos individuais e coletivos que se conectam por meio da sabedoria e da tradição que as pessoas receberam de seus antepassados. A tradição congrega a sabedoria sobre os fatos que são narrados, especialmente porque ocorrem “[...] tanto na vida privada quanto na coletiva” (BENJAMIN, 1989 [1939], p. 105). Pereira (2006, p. 63), em sua leitura desses conceitos benjaminianos, explica que “[...] a tradição é o espaço-tempo de um tipo peculiar de saber que está para além do racional, que envolve, para Benjamin, os conteúdos da religião”.

Os avós/pais trazem seus netos/filhos para o santuário de Canindé a fim de dar continuidade às viagens que faziam com seus antepassados. São experiências individuais que, ao serem narradas pelos devotos, convocam a coletividade, neste caso, seus netos/filhos, para que possam manter a tradição familiar de visitar a cidade no período da festa ou em outra época do ano. Entendemos que eles desejam que o ciclo de viagens não seja interrompido, então, apostam que suas próximas gerações possam perpetuá-lo. As narrativas das experiências dessas viagens assumem o papel de inserir na vida dos ouvintes a crença de que o santo de Canindé tem o poder de ampará-los em suas necessidades.

Martins (2013) esclarece que faz parte da cultura popular religiosa dos nordestinos, em sua maioria, sujeitos com condições socioeconômicas limitadas, apelar à crença de que os poderes sagrados são capazes de socorrê-los nas aflições da vida. No contexto do santuário de Canindé, visitado majoritariamente por romeiros nordestinos, em seus relatos, eles afirmam que recorrem a São Francisco das Chagas porque creem que sua benevolência pode conceder graças capazes de restaurar a saúde do corpo e da alma, a aquisição da casa própria e de veículos, a conquista de empregos, entre outros benefícios. Acreditamos que esse apelo ao sagrado tem o potencial de levar os sujeitos a se aliviarem das pressões cotidianas e, sobretudo, a preservarem e restaurarem, na maioria dos casos, a saúde física e mental, quando se sentem acolhidos e amparados pelos poderes divinos, no qual buscam criar e manter os vínculos afetivos com a divindade.

O desejo para que os netos/filhos continuem as viagens familiares a Canindé aponta para a reflexão sobre a questão dos vínculos que os avós/pais criaram com o sagrado e que se consolidaram ao longo de suas vidas. Tais vínculos são renovados e fortalecidos nessas viagens. Menezes (2004) entende que esses vínculos condicionam os devotos a organizarem suas existências para que possam cumprir suas devoções em homenagem aos santos. Na prática, a festa é um acontecimento inserido no calendário existencial dos devotos que, por todo o ano, se organizam para visitar Canindé.

A pandemia não foi empecilho para que alguns grupos de devotos comparecessem ao santuário. Nas conversas com membros desses grupos, eles relataram que de qualquer modo viriam à cidade, pois um de seus objetivos era se encontrar com o santo, prática que, na maioria das vezes, é cumprida há décadas, tanto por eles quanto por seus antepassados. Esses devotos tinham o interesse de não romper o ciclo tradicional de suas viagens, além de expressar seus agradecimentos e de renovar seus pedidos.

Entre as petições endereçadas a São Francisco, os devotos pediam que a pandemia de Covid-19 terminasse, para dar continuidade às viagens tradicionais a Canindé nos próximos anos, e que o vírus não ceifasse tantas vidas e não alcançasse seus familiares.

Nos momentos em que o desespero e o desamparo se fazem presentes, principalmente nas questões que envolvem saúde-doença (PEREIRA *et al.*, 2013), as pessoas recorrem aos seus santos de devoção, no caso dos católicos, a fim de receber o socorro/amparo celestial para suas necessidades. A esse respeito, Carli (2018) destaca que os agentes sagrados, portadores de poderes divinos, têm a capacidade de se compadecer dos dilemas dos seres humanos. Frente ao risco iminente de morte, quer seja pela Covid-19 ou por outras (psico)patologias que comprometem a saúde física e mental, tanto para si quanto para os seus, os devotos recorrem ao santo para que ele proteja suas vidas de qualquer mal.

Comumente, na visitação ao santuário de Canindé, na Basílica, os devotos fazem seus pedidos e agradecem ao santo as dádivas que lhes foram concedidas. Nessa festa, os devotos do santo encontraram as portas de sua Basílica fechadas. Em todo o período das festividades, observamos que alguns deles faziam suas orações com as mãos estendidas para o alto e tocavam nas portas e paredes da Basílica, já que não podiam entrar para venerar a imagem do santo em seu altar-mor.

O luto e a tristeza dos devotos se manifestavam em seus semblantes: vidas sendo ceifadas por conta da pandemia e o santuário silenciado, em clima de pesar. Por mais que a festa convoie os sujeitos ao estado de alegria e ao rompimento de uma ordem social instituída, vivida nos dias normais da cidade (MARTINS, 2013), as festividades de Canindé, em 2020, não foram momentos de celebração. Para a maioria dos participantes, não havia a possibilidade de entrelaçar as experiências de devoção e de diversão, em seus relatos, eles manifestavam, principalmente, que a ocasião convocava a todos para que rogasse ao divino que se cessasse a pandemia.

O clima de pesar pelos mortos da pandemia, a realização virtual das celebrações e a ausência massiva dos devotos tornaram o santuário um espaço vazio e silenciado. Mesmo com os cânticos festivos, os sinos da Basílica que repicavam anunciando que os dias eram de festa e a sutil presença de alguns devotos, não foi possível que a fé compartilhada se manifestasse coletivamente, isto é, sentir o clima de festa.

Durkheim (1989 [1912]) considera que uma festa religiosa rompe com a vida cotidiana do lugar onde é realizada, pois põe os sujeitos em movimento e cumpre o papel de os aproximar à experiência de viver uma unidade durante os atos religiosos. Em suas palavras, “[...] o homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias” (DURKHEIM, 1989 [1912], p. 456). Os participantes de uma festa religiosa, destaca o sociólogo francês, experienciam uma espécie de “efervescência” que se caracteriza pela manifestação da fé compartilhada que gera o sentimento de pertencimento e de coesão das emoções durante os cultos.

O contexto pandêmico sustou a experiência de efervescência nessa festa, pois os devotos foram impedidos de comparecer ao santuário, então, não foi possível ter experiências coletivas de devoção. Embora os devotos não estivessem presentes e preenchessem os espaços do santuário, eles acompanhavam as cerimônias festivas em suas residências. Isso implica dizer que suas experiências aconteceram de modo individual/privado. Tomando como pressuposto as concepções de Benjamin (1989 [1939]), as experiências de devoção dos devotos ocorreram em circunstâncias domiciliares/privadas, e, principalmente, eles mantiveram a tradição de participar das festas/romarias de Canindé, todavia, em um novo contexto.

Menezes (2009) comenta que o conceito de efervescência elaborado pelo sociólogo francês é importante para a interpretação e compreensão socioantropológica das festas religiosas. Com a efervescência vivida nos dias festivos, os devotos experimentam uma espécie de coesão dos sentimentos, no qual se veem como parte de um todo unificado que homenageia e cultua o santo, tanto no testemunho dos benefícios que receberam dele quanto na participação das cerimônias. Percebemos, nos semblantes dos participantes dessa festa, a tristeza por não a vivenciarem com a efervescência de outrora, ou seja, a ausência do encontro caloroso entre eles. Houve um impacto na manifestação da fé compartilhada e a impossibilidade de momentos que proporcionariam experiências de diversão.

Durkheim (1989 [1912]) também acredita que, duplamente, as festas religiosas fazem com que as sociedades sejam refeitas e que elas próprias se comemorem. Então, esses momentos convocam os sujeitos para que possam celebrar a festa, em seus aspectos sagrados, cuja programação oficial é definida pela Igreja que organiza as cerimônias e suas liturgias, e nos aspectos profanos, no qual os devotos se tornam brincantes e participam de momentos festivos organizados pelos moradores de Canindé com a intenção de fugir dos afazeres que por todo o ano cumprem em suas rotinas diárias (MARTINS, 2013). Melhor dizendo, a festa em si proporciona aos seus participantes experiências de devoção e de diversão.

Embora se questione, atualmente, o papel da religião na vida das pessoas, e, em alguns casos se acredite que as práticas religiosas não têm lugar na contemporaneidade que se qualifica como anticlerical, por exemplo, percebemos quanto essa festa religiosa e a romaria que nela ocorre fizeram falta aos devotos/romeiros de São Francisco.

Perez (2011) esclarece que a religião é um dos elementos fundamentais da cultura brasileira, pois as pessoas têm o prazer de se reunir publicamente para festejar a fé e o sagrado e, por consequência, celebrar a vida e suas conquistas. Então, não se trata apenas de experiências privadas, mas da necessidade que o homem religioso tem de demonstrar em público a centralidade da religião em sua existência, sendo a festa religiosa o momento que aglutina experiências que fortalecem a sociabilidade e que também modificam temporariamente o cotidiano citadino.

A cidade de Canindé, ao cumprir sua função de ser uma *hierópolis* (ROSENDALH, 1996), foi fortemente impactada com a realização virtual da festa de 2020, pois os dias festivos movimentam e fortalecem, consideravelmente, sua economia. Afinal, durante 12 dias, a cidade recebe centenas de milhares de pessoas de uma só vez.

A cidade se mobiliza para acolher os devotos que não se concentram somente nos entornos da Basílica, mas se espalham por todos os seus recantos. Ocorre uma reorganização do espaço cotidiano para que possa comportar a quantidade de devotos que comparecem à cidade nesse período. Menezes (2012) menciona que durante uma festa religiosa há o espraiamento do espaço sagrado, fenômeno que demarca o seu sucesso, pois devido à quantidade de pessoas, é necessário ampliar os espaços para comportar os devotos. Em 2020, esse fenômeno não ocorreu em Canindé.

Nas incursões etnográficas durante a festa de 2020, observamos que os poucos devotos que compareceram ao santuário ficaram concentrados nos arredores da Basílica. As entradas da cidade e os locais que antes eram pontos de estacionamento para a

imensa frota de ônibus e de carros estavam vazios. Era impossível sentir o clima de festa na cidade, pois também não havia a imensa quermesse de barracas com as multidões que passeavam pelos pontos turísticos. Era como se a cidade estivesse em seus dias normais, com apenas seus munícipes passeando por suas ruas, ladeados por uma pequena quantidade de visitantes.

Sem a festa presencial, era impossível não sentir falta dela. Sobre festas na pandemia e os impactos nas experiências de seus participantes, Tamaso (2021) constatou que as cerimônias religiosas sem o calor do encontro festivo foram marcadas pela ausência da sinestesia entre as pessoas e o lugar, a sociabilidade sem reciprocidade, e o rompimento de tradições que por muito tempo compunham a vida das pessoas. Ou seja, a festa faz falta porque é esperada como um momento que permite festejar a vida e aquecer as emoções no encontro dos devotos com santo, com eles próprios e com os outros.

Portanto, percebemos como a ausência da realização da festa de modo presencial afetou aqueles que compareceram ao santuário e impactou suas experiências de sentir o clima de festa. Acreditamos que, devido ao cenário pandêmico, havia poucos motivos de se comemorar/celebrar, afinal, não há como se fazer uma festa mediante um santuário vazio e silenciado, e menos ainda, com a quantidade absurda de mortes diárias que acontecia no mundo e os milhões de enfermos que padeciam nos hospitais contaminados com o vírus. O momento era de clamar ao santo para que a pandemia terminasse, foi o que ouvimos nos balbucios das preces de alguns devotos que, ansiosamente, desejavam que a festa acontecesse normalmente com a presença das multidões.

#### **4.2 “Vim ver São Francisco”**

A frase que intitula esta seção foi pronunciada por um devoto ao manifestar sua alegria por estar em Canindé, em 2021, e ter a possibilidade de adentrar na Basílica e se encontrar com São Francisco. Nesse ano, o santuário recebeu milhares de devotos; obviamente, essa quantidade ainda não se compara às centenas de milhares de pessoas que compareciam na festa nos anos anteriores à pandemia.

Nesse ano, a festa de São Francisco foi ainda nomeada de “virtual” por seus organizadores. Consideramos que seria mais adequado chamá-la de “híbrida”, pois entendemos que o formato híbrido melhor define o modo como foi realizada. O conceito de híbrido que nos referimos, advém da educação, cujo significado é a participação presencial e controlada de alguns sujeitos associada à participação virtual (VARGAS; NICOLAIDES, 2021).

As autoridades civis e eclesiásticas, em consenso, decidiram que a Basílica poderia ser aberta para receber os devotos, cuja ressalva foi a observância dos protocolos sanitários. Quanto ao distanciamento, observamos que pouco ocorreu, pois era impossível que, em meio à multidão, as pessoas não se tocassem.

A festa de 2021 aconteceu com a participação das pessoas devido à flexibilização das medidas de restrição para o combate à Covid-19 por conta da vacinação da população brasileira. Todavia, os frades franciscanos ainda aconselharam os devotos a participarem das cerimônias, virtualmente, em suas casas, pois havia o receio de que a festa aglutinasse

milhares de pessoas e ocasionasse muitas contaminações posteriormente. Contudo, os devotos não foram impedidos de chegar a Canindé.

Algumas cerimônias foram realizadas dentro da Basílica e outras na Quadra da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, um espaço que comporta cerca de 10 mil pessoas<sup>4</sup>, e na Quadra Paroquial, que fica ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores. A cerimônia de hasteamento das bandeiras, a missa de abertura, as novenas e a Via Sacra foram realizadas dentro da Basílica. Observamos que muitos devotos participaram da missa de abertura e das novenas nos arredores do templo, cuja quantidade foi superior ao ano de 2020. Nas manhãs e tardes, as missas foram celebradas na Quadra da Gruta e na Quadra Paroquial. Nesse ano, também não foi possível realizar as tradicionais procissões. As confissões não foram feitas pelos padres e os batizados foram celebrados na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores.

No dia 4 de outubro de 2021, dia de São Francisco, milhares de devotos compareceram ao santuário. Foram formadas imensas filas para adentrar às missas na Quadra da Gruta, principalmente às 9h, quando foi rezada a missa solene em honra a São Francisco das Chagas e o encerramento da festa. Ao cair da tarde, um carro ricamente ornamentado conduziu a imagem de São Francisquinho pelas ruas da cidade. Na praça da Basílica, muitas pessoas esperavam a chegada do cortejo. E, o arriamento das bandeiras foi realizado na última *live* promovida pelo santuário.

Nas incursões etnográficas que realizamos em 2021 presencialmente no santuário, observamos os devotos quando faziam seus rituais de devoção individual e coletiva. Aqui, descrevemos e analisamos essas situações: 1) as experiências dos devotos de sentir o “clima de festa” na manifestação coletiva da devoção; 2) as promessas e os ex-votos que representavam as curas da Covid-19; e 3) a organização da cidade.

Ao entrar no santuário, foi possível sentir que as emoções dos devotos estavam aquecidas pelo fato de que participavam das festividades. Desse modo, com a presença deles no santuário, foi possível sentir o clima de festa, especialmente, na alegria que se estampava em suas faces ao ver São Francisco no altar-mor de sua Basílica, fazer suas preces e pedidos, agradecer pelos benefícios/graças que pediram, pagar suas promessas e, sobretudo, por se sentirem protegidos sob as bênçãos do santo no solo canindeense que consideram ser sagrado.

As experiências coletivas de devoção se manifestaram no encontro dos devotos com o santo, com si mesmo e com os outros participantes da festa. Isso implica dizer que os atos religiosos conduziram os devotos à experiência de efervescência definida por Durkheim (1989 [1912]), ou seja, aquilo que eleva os sujeitos ao sentimento de unidade com o grupo. Esses atos permitem o enlace das experiências individuais e coletivas dos devotos, pois juntos atestam que o santo tem o poder de socorrê-los em suas fragilidades quando oferecem no santuário seus ex-votos como representações das graças alcançadas.

Em Canindé, as manifestações coletivas de devoção não se reduzem somente à participação dos devotos nas cerimônias religiosas. Englobam, também, alguns comportamentos sacrificiais, por exemplo, entrar de joelhos na Basílica, fenômenos amplamente estudados pelas ciências humanas e sociais.

<sup>4</sup> Esta informação foi extraída da página do Santuário de Canindé, disponível em: <https://santuariodecaninde.com/santuario/estrutura-servicos/>.

Nessa festa, houve um fato interessante que observamos e consideramos como uma possível manifestação coletiva de devoção associada ao contexto pandêmico: o uso de máscaras com a reprodução da imagem do santo e alguns devotos que estavam sem máscaras nos espaços do santuário. Em ambos os casos, compreendemos que eles se sentem protegidos pelos poderes divinos do santo, principalmente, por estar no espaço sagrado de seu santuário.

O uso de máscaras faciais, tanto as caseiras feitas de tecido quanto as descartáveis ou as de alta eficácia disponíveis no mercado, é uma das principais medidas para evitar a transmissão do vírus. Elas formam barreiras que impedem a dispersão das gotículas que são expelidas ao falar, tossir ou espirrar (GARCIA, 2020).

As máscaras não são objetos religiosos, *a priori*. Na pandemia de Covid-19, elas foram utilizadas como um dos meios de manifestar o pertencimento dos sujeitos às suas religiões. Acerca das máscaras decoradas com imagens religiosas, Souza (2020) esclarece que, por estarem presas aos corpos dos sujeitos, elas materializam a fé, tornando-a real e concreta, e que também cumprem a função de reforçar publicamente as identidades religiosas dos crentes.

Sobre os devotos que estavam no santuário sem suas máscaras, com elas guardadas, ou no queixo, por exemplo, apontamos uma questão importante que se faz presente nos cenários das festas religiosas: na maioria das vezes, as manifestações coletivas de devoção nem sempre se alinham com as orientações da Igreja Católica. Na visão de Sanchis (2006, p. 92), o que o romeiro considera sagrado passa pelo crivo da religião oficial que o modela e lhe imprime uma forma e, assim, pode ser aceito no âmbito religioso e “existir na concretude do real”.

O não uso das máscaras foi uma forma de descumprimento das normas sanitárias de prevenção da Covid-19. Os organizadores da festa e as autoridades civis estabeleceram o uso obrigatório de máscaras nos espaços do santuário. Havia uma fiscalização que exigia que todos estivessem com esse equipamento de proteção.

As manifestações coletivas de devoção que não se adequam à proposta da Igreja são elementos importantes para a compreensão das festas religiosas. Menezes (2000) levanta a reflexão de que elas denunciam como os devotos desejam participar das festividades e que nem sempre a Igreja pode prescrever os modos como os sujeitos devem praticar suas devoções, causando conflitos entre ambos. Isso quer dizer que todos desejam administrar o sagrado. Por outro lado, Teixeira *et al.* (2010a, p. 124) consideram que esse fenômeno se trata da “não institucionalização da fé”, ou seja, a devoção ao santo é praticada a partir dos meios que sejam capazes de doar sentido para as existências dos devotos, mesmo que eles descumpram o que orienta a Igreja.

Então, literalmente, os devotos que estavam com as máscaras estampadas com a imagem de São Francisco diziam que se sentiam sob a proteção de seu manto sagrado. Já aqueles que não usavam máscaras explicitavam que devido ao fato de estarem no santuário, o vírus não tinha a capacidade de alcançá-los, pois era impedido pelos poderes do santo. Então, consideramos esses atos como uma forma de manifestação coletiva de devoção.

Outro aspecto interessante relacionado à pandemia foi que, durante essas incursões etnográficas, levantamos a hipótese de que nas festas dos próximos anos, muitos devotos

iriam ao santuário de Canindé para pagar as promessas que fizeram para alcançar a cura da Covid-19 e depositar ex-votos com a representação do sistema respiratório do corpo humano, principalmente os pulmões. Esse tipo de ex-voto já se fez presente na festa de 2021.

Figura 4 – Ex-voto que representa a cura da Covid-19



Fonte: Cedida por Frei Guto Lessa (2021)

Os ex-votos são objetos que materializam as graças alcançadas por intermédio de um/a santo/a (QUADRO, 2020). Para os católicos, as Casas ou Salas dos Milagres das igrejas e santuários são os lugares onde esses objetos são depositados com o intuito de demonstrar e de publicar o que o/a santo/a padroeiro/a fez por seus devotos ao atender suas preces e cumprem a função de atestar seus poderes celestes (PAES, 2013).

No caso de Canindé, os ex-votos que representam fragmentos ou o corpo humano em sua totalidade, evidenciam que São Francisco socorreu seus devotos nos momentos de aflição, principalmente quando se trata de recorrer ao santo em ocasiões cujo risco de morte é iminente. Também encontramos na Casa dos Milagres do Santuário de Canindé outros tipos de ex-votos: roupas, fotografias, joias de ouro/prata e pedras preciosas (entregues na secretaria do santuário), mechas de cabelo, resultados de exames médicos, cadeiras de rodas, muletas, caixas de remédios, cópias de carteiras de trabalho, currículos, vestidos de noiva, fardamentos, diplomas, certificados, casas, veículos e barcos em miniatura.

Essa diversidade de ex-votos aponta para a afirmação de Carli (2018) que o Sagrado se compadece dos problemas dos humanos e atende aos seus pedidos. Oliveira (2018), por sua vez, esclarece que os ex-votos não se reduzem somente às questões que englobam a saúde e a doença, mas também têm a função social de denunciar problemas socioculturais sofridos pelos devotos, isto é, suas dificuldades socioeconômicas, habitacionais e políticas.

Em termos antropológicos, Mauss (1997 [1924]), em seu ensaio sobre a dádiva, define a tríade pedir-receber-retribuir, no qual explicita como os humanos se dirigem

às divindades, ao clamar por uma dádiva (pedir) em busca de alcançar algum benefício (receber) e, em seguida, cumprir o que foi prometido (retribuir). Então, o voto ou promessa gera nos crentes a obrigação de retribuir a graça alcançada, ou seja, o que Menezes (2004) define como empenho da palavra feito por eles junto ao santo caso sejam atendidos.

Nesse caso, os devotos contraem dívidas simbólicas, que, para Teixeira *et al.* (2010a, p. 124), “[...] não há dádiva sem a expectativa de retribuição, expectativa que é vivenciada como obrigação social que engendra uma série de pactos com vistas ao seu pagamento, incluindo não só o sujeito que recebe como o plano social a que pertence”. A dívida só é desfeita no momento que o sujeito agraciado com a dádiva, quer seja para ele próprio ou que tenha pedido por alguém, cumpre o que prometeu, e caso não venha a quitá-la, os sujeitos se sentem culpados, a ponto de imaginar que o santo não os atenderia em outras ocasiões (TEIXEIRA *et al.*, 2010b).

Os ex-votos que representam as curas da Covid-19 deixados no santuário de São Francisco das Chagas manifestam os modos como os devotos foram amparados pelo santo em circunstâncias de sofrimento e desamparo, pois o que estava em jogo eram as vidas que poderiam ter sido ceifadas por essa doença. Sem ter a quem recorrer, já que os saberes da medicina foram desafiados por um vírus altamente contagioso e letal, a ponto de os profissionais de saúde se sentirem impotentes por não conseguirem salvar as vidas de uma quantidade expressiva de contaminados, mesmo utilizando os recursos da alta tecnologia hospitalar, o que restou, para muitas pessoas, foi se valer do Sagrado, a fim de alcançar um milagre e ter a saúde restabelecida, delas próprias ou daquelas com quem convivem.

A cidade de Canindé se organizou para receber os devotos que compareceram à festa de 2021, no entanto, como a quantidade de participantes foi consideravelmente reduzida, o conjunto da organização citadina ainda não permitiu sentir o clima de festa. Isso ocorreu porque novamente os devotos ficaram concentrados somente nos arredores da Basílica e não houve o espriamento do espaço sagrado (MENEZES, 2000), e, dessa maneira, não aconteceu o rompimento da rotina cotidiana da cidade (MARTINS, 2013), fenômeno que colabora nas experiências de sentir o clima de festa, principalmente porque o contexto sagrado se funde com o profano, no enlace entre devoção e diversão, rezas, danças, comidas e bebidas.

Houve também o impacto econômico no comércio da cidade e dos comerciantes de outros lugares que vêm a Canindé para vender suas mercadorias. Novamente, não foi montada a imensa quermesse com barracas que atendem a todos os visitantes nesse período.

Embora o clima de festa não tenha florescido no conjunto da organização da cidade, no dia 4 de outubro, os organizadores da festa promoveram uma carreata com a imagem de São Francisquinho pelas ruas de Canindé, em substituição à tradicional procissão de encerramento, e, exclusivamente, esse momento fez com que os devotos sentissem o “clima de festa” ao ver a imagem do santo sair do seu santuário e abençoá-los por onde passava. Destacamos que os organizadores da carreta não convocaram os devotos para acompanhá-la, mas foi aconselhado que vissem a passagem da imagem, em suas casas, ou que assistissem pelos meios de comunicação social e internet.

As procissões nas festas religiosas, na ótica de Rosendahl (2018, p. 390), caracterizam-se como “[...] um exercício da devoção que une sacerdotes e população num ritual que melhor concretiza o simbolismo de comunhão religiosa, cultural e social”. Por sua vez, Lima (2021) esclarece que uma procissão permite a expansão do território onde o santo é cultuado. Além disso, as procissões têm a função simbólica de fazer com que os sujeitos que as acompanham se sintam agraciados e protegidos sob o manto do santo (MARTINS, 2013).

Portanto, acreditamos que essa carreta, ao substituir a tradicional procissão de encerramento da festa, proporcionou aos devotos a percepção de “clima de festa”, mesmo que eles não tenham acompanhado o cortejo. Todos os recantos da cidade davam conta que um cortejo especial passava por suas ruas.

A carreta foi um dos momentos que aqueceu as emoções daqueles que viam a imagem de São Francisquinho abençoando a cidade e seus devotos, saudando-o com fogos, cânticos e ruas enfeitadas e, principalmente, estendendo as mãos para lhe tomar a bênção, suplicar sua proteção. As lágrimas e os semblantes de alegria e de felicidade demonstravam a importância da festa para os devotos e a necessidade de demonstrar publicamente como a religião é um elemento importante em suas vidas. Então, a carreata foi o acontecimento festivo que permitiu romper a rotina da cidade, envolvendo seus moradores, os devotos visitantes, os organizadores da festa e os poderes públicos.

## 5 Considerações Finais

A descrição etnográfica da festa de São Francisco das Chagas de Canindé, no contexto da pandemia de Covid-19, aponta elementos fundamentais que permitem a compreensão de como uma festa religiosa engloba o encontro do devoto com o santo, com si mesmo e com os outros, e, ao mesmo instante, aglutina experiências de devoção e de diversão. São esses aspectos que unem o sagrado e o profano, o divino e o humano, especialmente porque são fatores que doam sentido para as existências daqueles que participam de festas religiosas. O Divino, concretizado no Santuário e nos poderes sagrados de seu padroeiro, e o humano, frágil e impotente frente às adversidades da vida, encontram-se para reafirmar os vínculos que mantêm entre si e as possíveis trocas em concessão às dádivas pactuadas.

As circunstâncias pandêmicas enfrentadas nos anos de 2020 e 2021 impactaram as experiências de os devotos sentirem o “clima de festa” ao entrar na cidade de Canindé e no santuário. Foram momentos que demonstraram como a festa de São Francisco é um acontecimento importante para a vida dos romeiros, dos peregrinos e dos canindeenses. Os calendários desses sujeitos são marcados com esta data: os romeiros e peregrinos se organizam para viajar a Canindé, e os canindeenses se preparam para recebê-los e cumprir suas devoções durante as cerimônias religiosas.

O “clima de festa”, definido como o conjunto de elementos sagrados e profanos que aquece e aflora as emoções dos devotos e engloba as experiências de devoção e de diversão, manifestou-se de modos distintos nas duas festas/romarias. Em 2020, foi impossível senti-lo devido à ausência dos devotos no santuário e à organização do espaço

que demonstrava que a cidade vivia seus dias comuns. Em 2021, com a retomada gradual da participação dos devotos, o clima de festa se desvelou de modo sutil: nas manifestações coletivas de devoção e na carreata com a Imagem de São Francisquinho. No entanto, as festividades transmitidas pelos meios de comunicação social e internet cumpriram o papel de homenagear São Francisco em seu santuário e no ambiente domiciliar.

Finalmente, seguimos com a hipótese de que nas próximas festividades os devotos depositarão ex-votos que representam o sistema respiratório do corpo humano, comprovando as curas da Covid-19 que foram realizadas por meio dos poderes de São Francisco. Essa hipótese nos encaminha para futuras pesquisas que tenham o objetivo de investigar, a partir das narrativas dos devotos, como eles foram socorridos/amparados pelo santo ao clamar a dádiva da cura da Covid-19, tanto para si quanto para as pessoas com quem convivem.

## **Agradecimentos**

Agradecemos a Frei Guto Lessa por nos conceder a foto do ex-voto que representa o sistema respiratório do corpo humano e a Frei Gilmar Nascimento (Reitor do Santuário), Frei Francisco Rogério (Vice-reitor) e Frei João Sannig (Vigário paroquial) pelas informações concedidas sobre a festa e também pela acolhida no santuário. Agradecimento em forma de dedicatória: o primeiro autor dedica este artigo à Maria Maciel, sua vó, falecida em 11 de fevereiro de 2022: “em minha infância, minha avó me levava às missas na Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé. Ela me ensinou a ser devoto do santo padroeiro de nossa cidade e a recorrer a ele nos momentos difíceis da vida”.

## **Referências**

- ANDRADA, Cris Fernández. O método no centro: relatos de campo de uma pesquisa psicossocial de perspectiva etnográfica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 236-245, 2018.
- AQUINO, Estela *et al.* Social distancing measures to control the COVID-19 pandemic: Potential impacts and challenges in Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 2.423-2.446, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Evangelizando pelas romarias**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987 [1933]. p. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989 [1939]. p. 104-149.
- BOTTINO, Caroline; SCHELIGA, Eva; MENEZES, Renata. Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. suplementar, p. 289-301, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp289-301>.

- CARLI, Cecília. The ex-votos of the Sanctuary of the Holy Virgin of Succour of Ossuccio: valorization and transmission of a cultural deposit of history and faith. **Church, Communication and Culture**, [s.l.], v. 3, n. 3, p. 362-378, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/23753234.2018.1542281>.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989 [1912].
- GARCIA, Leila. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 29, n. 2, e2020023, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200021>.
- JURKEVICS, Vera. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005.
- LAU, Hien *et al.* The positive impact of lockdown in Wuhan on containing the COVID-19 outbreak in China. **Journal of Travel Medicine**, [s.l.], v. 27, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa037>.
- LIMA, Magda. Impacts of the pandemic covid-19 on religious parties and processions in Mata Grande, Alagoas. **Geopauta**, [s.l.], v. 5, n. 3, e8459, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/rg.v5i3.e2021.e8459>.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta-Feira**, [s.l.], v. 1, p. 8-12, 1997.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].
- MALUF, Sônia Weidner. Ensinar Antropologia em Tempos Sombrios. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 117-134, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2022.e80190>.
- MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa de Santo Antônio de Barbalha-Ceará: sagrado e profano em circularidades de significados. *In:* SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Moraes da (org.). **Sentidos de devocão**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013. p. 10-43.
- MAUSS, Marcel. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. *In:* MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1997 [1927]. p. 143-280.
- MENEZES, Renata. Um episódio e algumas lições: a festa da Penha no ano de 1994. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 91-116, 2000.
- MENEZES, Renata. Saber pedir: a etiqueta do pedido aos santos. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 46-64, 2004.
- MENEZES, Renata. Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a escola francesa de sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 179-199, 2009.
- MENEZES, Renata. Espaço, Religião & Antropologia: uma leitura das Formas Elementares da Vida Religiosa, de Durkheim. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 32, p. 30-47, 2012.
- MOURA, Adaene *et al.* Is social isolation during the COVID-19 pandemic a risk factor for depression? **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 75, n. Suppl. 1, e20210594, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0594>.
- OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Da memória ao patrimônio cultural: reflexão sobre os ex-votos enquanto testemunho social. **Revista Internacional de Folkcomunicação – RIF**, Ponta Grossa, v. 16, n. 36, p. 33-49, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v16.i36.0002>

- PAES, Anselmo. Tecendo os fluxos da matéria: ex-votos no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Iluminuras**, [s.l.], v. 14, n. 34, p. 155-173, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.44385>.
- PASSOS, Mauro. A (re)invenção de uma tradição religiosa e a sociabilidade do Congado no interior de Minas Gerais. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [s.l.], v. 7, n. 21, p. 69-81, 2015.
- PEREIRA, Marcelo. Saber do tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 31, n. 2, p. 61-78, 2006.
- PEREIRA, Moema *et al.* Cefaleia e arte: ex-voto como arte da devoção e gratidão. **Headache Medicine**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 36-39, 2013.
- PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.
- QUADRO, Eduardo. Ex-votos: uma fonte de estudo para as ciências da religião. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, p. 109-124, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v18i4.7838>.
- ROSENDALH, Zeny. Hierópolis e o catolicismo popular brasileiro - uma possível tipologia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, [s.l.], v. 21, p. 137-140, 1996.
- ROSENDALH, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciências Sociais e Religião**, [s.l.], v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006.
- SANTOS, Magno. Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [s.l.], v. 18, n. 57, p. 1.305-1.333, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p1305>.
- SBARDELOTTO, Moisés. Práticas religiosas digitais em tempos de pandemia. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 1-27, 2021.
- SOUZA, Patrícia. Protection masks with religious motifs: COVID-19 produces new religious materiality. **International Journal of Latin American Religions**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 402-416, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00117-z>
- SOUZA, Ricardo. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.
- TAMASO, Izabela. Afinal, houve ou não houve festa? A Semana Santa na cidade de Goiás. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (org.). **A falta que a festa faz**: celebrações populares e antropologia na pandemia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. p. 37-49.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante *et al.* O corpo em estado de graça: ex-votos, testemunho e subjetividade. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 121-129, 2010a. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100015>.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante *et al.* Figurações do corpo nos ex-votos: a devoção entre psicanálise e antropologia. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 283-301, 2010b.
- VARGAS, Bruna; NICOLAIDES, Christine. Entrevista com Adolfo Tanzi Neto: uma perspectiva sócio-histórico-cultural do ensino híbrido e suas tecnologias. **Ilha do Desterro**, [s.l.], v. 74, n. 3, p. 493-504, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e80011>.
- WILLEKE, Venâncio. **São Francisco das Chagas de Canindé**: resumo histórico. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1973.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19)**

**Situation Report.** Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>. Acesso em: 23 ago. 2021.

### **Carlos Ming-Wau**

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

Endereço profissional: Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Av. Washington Soares, n. 1.321, Edson Queiroz, Fortaleza, CE. CEP: 60811-905.

*E-mail:* carlosmingwau@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2995-4698>

### **Leônia Cavalcante Teixeira**

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

Endereço profissional: Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Av. Washington Soares, n. 1.321, Edson Queiroz, Fortaleza, CE. CEP: 60811-905.

*E-mail:* leonia.ct@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4997-5349>

### **José Clerton de Oliveira Martins**

Doutor em Psicologia pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

Endereço profissional: Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Av. Washington Soares, n. 1.321, Edson Queiroz, Fortaleza, CE. CEP: 60811-905.

*E-mail:* jclertonmartins@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8229-0915>

### **Como referenciar este artigo:**

MING-WAU, Carlos; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa de São Francisco das Chagas de Canindé, Ceará, no Contexto da Pandemia de Covid-19. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 2, e87372, p. 65-85, maio de 2023.